

COELHO, João Marcos. As atraentes surpresas da Sinfônica de Campinas. Folha de S. Paulo, São Paulo, 27 jul. 1983.



Às 21 horas, as orquestrações que Duprat fez para os prelúdios de Debussy

Folha de São Paulo 27.7.83

As atraentes surpresas da Sinfônica de Campinas

A cada apresentação da Orquestra Sinfônica de Campinas o público reage de modo muito especial. É provável que tamanha empatia se deva à garra e ao entusiasmo de seus componentes. Em todo caso, esta coesão — e aí se localiza a medida de seu valor — é consequência direta do ineditismo dos projetos nos quais Benito Juarez, o maestro, Damiano Cozzella, assessor da sinfônica, e Rogério Duprat, amigo chegado do grupo, se lançam com determinação e competência.

Assim, hoje também a Sinfônica apresenta um programa diferente em seu concerto no Teatro Municipal, às 21 horas, com ingressos de Cr\$ 200 a Cr\$ 600. O toque são as orquestrações feitas por Rogério Duprat de dois dos 24 prelúdios para piano assinados por Claude Debussy. Duprat já tem completo todo o ciclo, mas a Sinfônica escolheu para hoje o prelúdio n.º 5, "La fille aux cheveux de lin", e o n.º 13, "General Lavine eccentric".

O primeiro possui apenas 39 compassos, sendo que Debussy tece uma escritura pianística diáfana e evanescente, buscando simbolizar longos cabelos. Há, portanto, na partitura original para piano toda uma série de sugestões orquestrais embutidas, que Duprat tratou de concretizar fazendo os impulsos melódicos passearem pelos timbres sinfônicos. Já o prelúdio 13 tem 109 compassos — permitindo maior largueza de movimentos — e respira atmosfera claramente humorística, pois o compositor quis retratar musicalmente o ator Edward La Vine, do circo Médrano, que vivia um personagem misto de palhaço e soldado na Paris de 1910. Nada mais adequado para a arte de Duprat, que joga as três fusas iniciais no piccolo, contraponteadas por uma nota-pedal nos metais.

Como os dois prelúdios abrem o programa e são bastante curtos, convém chegar na hora ao concerto, a fim de não perder estas pequenas jóias. Em

seguida, o pianista Caio Pagano, atualmente morando nos Estados Unidos, é o solista do "Concerto n.º 5 para Piano e Orquestra", o "Imperador", de Beethoven. Apesar de o piano Bechstein do Auditório Campos do Jordão — onde este mesmo programa foi realizado há dez dias — ter provocado reclamações de Pagano, houve bom entrosamento entre solista e orquestra, o que faz prever uma performance melhor, hoje à noite, deste que é um dos mais célebres concertos do século 19.

Encerra o programa a segunda das sete sinfonias compostas pelo compositor finlandês Jean Sibelius, em ré maior, opus 43, de 1902. O famoso crítico Theodor Adorno fazia questão declarada de execrar o compositor nacional da Finlândia, atribuindo-lhe falhas estruturais na construção de suas sinfonias. Mas o fato é que as críticas adornianas parecem esquecidas, enquanto a obra de Sibelius vem sendo cada vez mais executada e gravada. De fato, se se olhar sob o prisma estrito da forma sinfônica alemã, as partituras orquestrais de Sibelius são fracas. Mas — e isto, afinal, é o que vale — como funcionam ao serem tocadas. Adorno reclamava que lhe faltava uma noção mais adequada de desenvolvimento, porém é justamente seu poder de partir de uma pequena fórmula rítmica, melódica ou harmônica para a construção de uma sinfonia, justapondo tais células, que o torna sedutor ao grande público.

É o que mostrará hoje a execução da segunda sinfonia, cujo primeiro movimento é idílico, enquanto o segundo é tipicamente sibeliano, de tonalidades escuras, privilegiando os graves; no terceiro, o scherzo se alterna com uma bela melodia do oboé, que desemboca no grand finale. Trata-se, pois, de peça ótima para se saber a quantas andam todos os naves de uma sinfônica, no sentido tradicional. *João Marcos Coelho* J.M.C.

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE030033